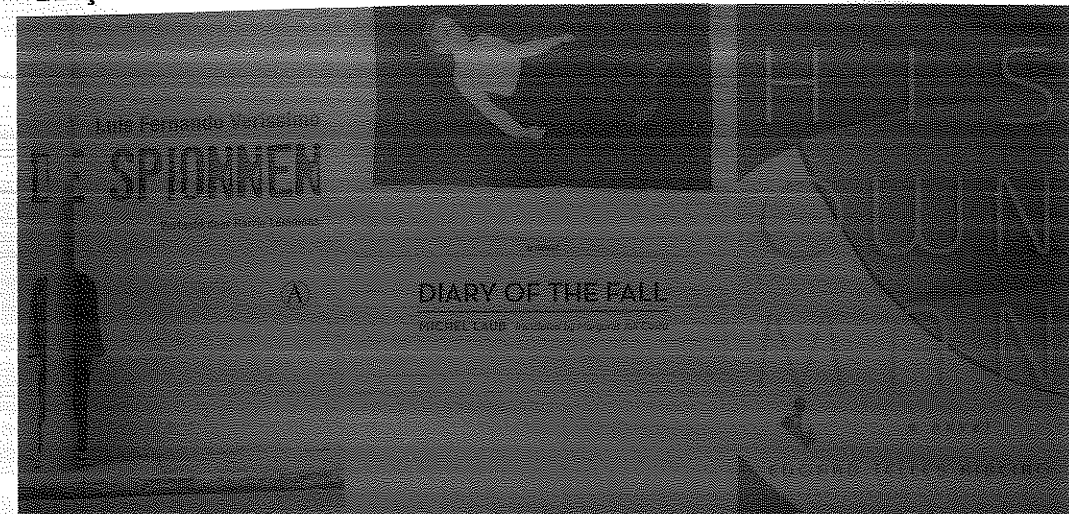


BRASIL BRAZIL

50

ISSN 0103-751X

EDIÇÃO ESPECIAL: A INTERNACIONALIZAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA



REVISTA DE LITERATURA BRASILEIRA

Nº 50 / ANO 27 / 2014

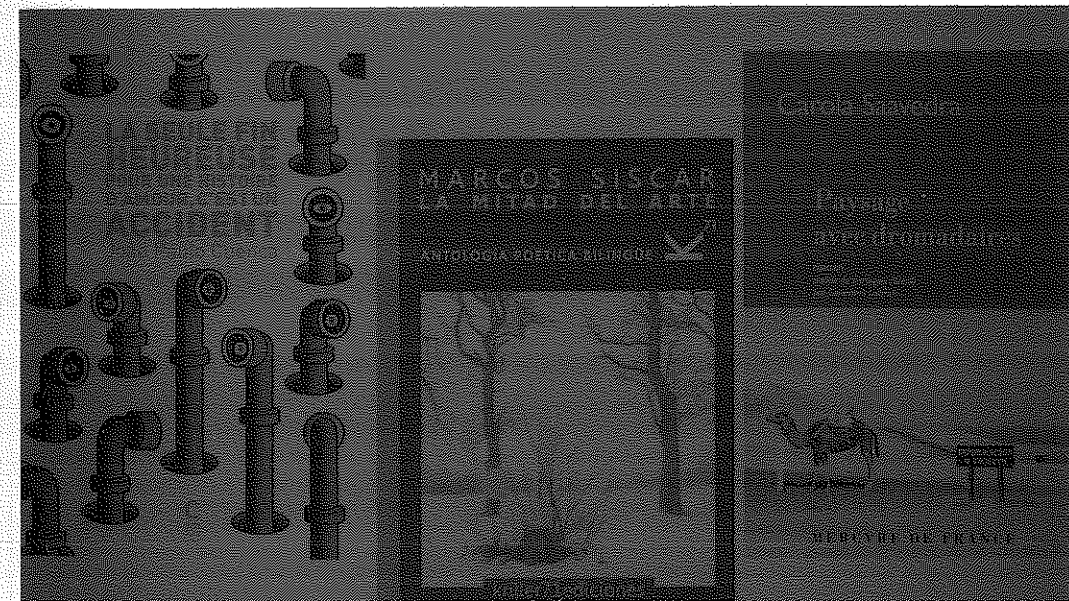
BRASIL BRAZIL

BRASIL BRAZIL

A JOURNAL OF BRAZILIAN LITERATURE



ALCEU
Acervo Literário de Erico Veríssimo



Copyright © 2014 Brasil/Brazil

ISSN 0103-751X

BRASIL BRAZIL

BROWN UNIVERSITY

President

Dr. Christina H. Paxson

Provost

Dr. Vicki L. Colvin

Vice-President for Research

Dr. David Savitz

Dean of the Graduate School

Professor Peter Weber

Chair, Department of Portuguese and Brazilian Studies

Professor Nelson H. Vieira

Director of Graduate Studies, Department of Portuguese and Brazilian Studies

Senior Lecturer Leonor Simas-Almeida

ASSOCIAÇÃO CULTURAL

ACERVO LITERÁRIO DE ERICO VERISSIMO

Presidente

Luis Fernando Verissimo

Secretária-Geral e Tesoureira

Maria da Glória Bordini

Curador

Fernanda Verissimo

EDITORIAL

Brazilian literature as world literature7
Nelson H. Vieira

ENSAIOS/ESSAYS

Goethe's *Weltliteratur* and the World of Lusophone Letters: The Case of Brazil13
Earl Fitz

A internacionalização dos pobres na agenda globalizada: uma reflexão em torno do intelectual escritor no mercado multicultural48
Lucia Helena

Uma visão geral e parcial da "literatura brasileira"72
Arnaldo Saraiva

Brasil in translation or, Who reads a Brazilian book?81
Renata R. Mautner Wasserman

Un/faithful companions: north-american authors construing the Amazon through their Brazilian counterparts104
Maria José Somerlate Barbosa

As feiras internacionais do livro como espaço de diplomacia cultural134
Carmen Villarino Pardo

Augusto fingers: *dacto, grypho, grama, clip*155
Com uma cronologia de obras (arte tecnológica) por Augusto de Campos
Kenneth David Jackson

Onde se desenham as fronteiras da poesia digital?175
Heloísa Buarque de Hollanda

ENTREVISTA/INTERVIEW

Silviano Santiago: Literatura não tem mar territorial188
Entrevista de Renato Cordeiro Gomes

LITERATURA/LITERATURE

- O DI218
Luis Fernando Verissimo
-

SEÇÃO ESPECIAL/SPECIAL SECTION

- Brazil on the Move: Travel Writing the Dos Passos Way*223
John Dos Passos Coggin
-

RESENHAS/REVIEWS

- Leila Lehnen. *Citizenship and Crisis in Contemporary Brazilian Literature***231
Nelson H. Vieira
- Saulo Gouveia. *The Triumph of Brazilian Modernism: The Metanarrative of Emancipation and Counter-Narratives***235
Patrícia I. Martinho Ferreira
- Santiago Nazarian. *Biofobia***239
Atilio Bergamini
- Tracy Devine Guzmán. *Native and National in Brazil: Indigeneity After Independence***245
David Mittelman
- Luiz Ruffato. *Flores artificiais***248
Gabriel Villamil Martins
-

Editors/Editores

Nelson H. Vieira (Brown University)
Fernanda Verissimo (Associação Cultural Acervo Literário de Erico Verissimo)
Regina Zilberman (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Associate editors/Editores associados

Luiz Fernando Valente (Brown University)
Maria da Glória Bordini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Graphic Design

Flávio Wild

Electronic editing/Edição eletrônica

Suliani Editografia Ltda.

Copy editing/Revisão de provas

Flávio Lerner

Editorial board/Conselho editorial

USA

Earl Fitz (Vanderbilt University)
Marguerite Itamar Harrison (Smith College)
Maria José Somerlate Barbosa (The University of Iowa)
Paul Dixon (Purdue University)
Pedro Meira Monteiro (Princeton University)
Renata Wasserman (Wayne State University)
Susan Cauty Quinlan (Georgia University)

BRASIL

José Luís Jobim (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)
Maria Ester Maciel (Universidade Federal de Minas Gerais)
Marisa Lajolo (Universidade Mackenzie)
Marta de Senna (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Regina Dalcastagné (Universidade de Brasília)
Renato Cordeiro Gomes (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
Zahidé Muzart (Universidade Federal de Santa Catarina)

AS FEIRAS INTERNACIONAIS DO LIVRO COMO ESPAÇO DE DIPLOMACIA CULTURAL

Carmen Villarino Pardo

Grupo Galabra/Universidade de Santiago de Compostela

Abstract: This paper analyzes how international book fairs are a conducive place to learn about the dynamics of literary and editorial fields, and, at the same time the functions of editors and writers, identifying time, it examines the type of political, economic and cultural implications that make them suitable to diplomacy and a useful tool for the soft power of a country. To this end, the case of Brazil is focused.

Keywords: International Book Fairs; Cultural Diplomacy; Soft Power; Brazil.

Nestes últimos anos, o Brasil da Copa do Mundo e das Olimpíadas do Rio de Janeiro vem também mostrando a sua posição a nível internacional através da vitrine que representam as feiras internacionais do livro.

No campo literário brasileiro deste século XXI assistimos às dinâmicas derivadas de fenômenos grupais, cujos critérios podem ser muito diversos. Dentre eles, os compostos por produtores literários selecionados para representarem o Brasil em feiras internacionais do livro (nomeadamente, a “lista de autores brasileiros que participam em Frankfurt 2013”¹, 70; mas também, a lista de autores que participam no programa *Destino Brasil* na Feira de Guadalajara em 2012, 20, e 2013, 15; etc.); como também as (autonomeadas) Geração 90 (Oliveira,

2001), Geração 00 (Oliveira, 2003) ou a Geração Subzero (Pena, 2012); e a seleção “dos melhores jovens escritores brasileiros” feita pela revista *Granta* (2012, sem esquecer o grupo que surgiu como “Off Granta”²); mas também há, dentre muitos outros, aqueles da chamada “literatura da periferia” (ligados a saraus, projetos editoriais e sociais, etc.).

Essas embaixadas culturais do País em eventos no exterior (já visíveis nos finais da década de 1980³) costumam trazer – acrescentada – alguma polêmica em relação a nomes escolhidos e a critérios utilizados⁴ mesmo se, como aconteceu na edição de 2013 da Feira Internacional do Livro de Frankfurt, a visão que se tenta transmitir é a da pluralidade da delegação, que acudiu com o *slogan* “Um país cheio de vozes”⁵, utilizado de novo na Feira do Livro de Bolonha, em 2014.

As feiras internacionais do livro funcionam, em certo modo, como uma metáfora do campo editorial de uma nação a nível mundial: um espaço de lutas de poder para atingir posições de maior centralidade, num cenário de ampla repercussão internacional, para escritores, tradutores e agentes literários e para as instituições (no sentido em que as usa o neoinstitucionalismo – cf. Hall e Taylor, 2003, entre outros) que representam um país (sejam elas representações dos Ministérios da Cultura e de Exteriores, de câmaras do livro, sindicatos editoriais, consórcios, etc.).

A multiplicação dessas feiras é também, para o mercado internacional da edição, um sinal da estruturação do mercado mundial da tradução (Sapiro, 2008). De tal modo, que o diferente teor delas as converte em centrais para o funcionamento de determinados campos, como acontece atualmente com a de Frankfurt para o campo editorial.

As diversas feiras, com modos próprios de funcionamento e enquanto espaços de encenação teatral de diferentes perfis de participantes implicados (individuais/coletivos, nacionais/internacionais, etc.), competem por lugares de poder no mercado editorial internacional e num su-

posto cenário mundial de trocas de capital simbólico. São, também, um espaço de conflitos internos, em que as funções e posições das entidades e dos agentes envolvidos nas dinâmicas dos campos editorial e literário se visualizam, mudando para posições de maior ou menor periferia ou centralidade; como aconteceu, por exemplo, com o papel que passaram a ter os escritores ou com as funções do País homenageado na Feira de Frankfurt (Weidhaas, 2011).

Na própria distribuição física dos espaços atribuídos pelos organizadores nas feiras, a localização por países e/ou por outro tipo de critérios (posição das editoras, setores de mercado editorial, agências literárias, etc.) responde a regras e interesses encenando o caráter menos autônomo de determinados sistemas literários, como analisou Sorá (2003) no caso de Frankfurt.

É por isso que as feiras funcionam como termômetro não apenas para medir o estado dos campos editorial, literário e cultural de um país, mas também o do campo do poder político e econômico. Daí que, neste trabalho, entendamos esse tipo de feiras também como espaços de uma nova diplomacia, a de tipo cultural, e de ações de *soft power* (“poder brando”) para os diferentes sistemas literários nelas representados, em geral, por países e editoras.

A partir da década de 1990, em que Joseph Nye (1990) começou a utilizar o conceito de *soft power* para designar – com análises das políticas dos EUA – um outro modo de relacionamento entre os países, baseado no poder de sedução da sua cultura, das suas ideias e da sua diplomacia (diferente do poder militar ou *hard power*), essa nova visão foi assentando-se cada vez mais no terreno das relações internacionais, com implicações em outros âmbitos. De fato, a partir da situação política e econômica da última década, o próprio Nye foi matizando o conceito nos últimos anos, conforme mostram as seguintes definições de 2006 e 2008:

Soft Power is Cultural Power Partly. [...] A country's soft power can come from three resources: its culture (in places where it is attractive to others), its political values (when it lives up to them at home and abroad), and its foreign policies (when they are seen as legitimate and having moral authority) (Nye, 2006).

E,

“Soft power is the ability to affect others to obtain the outcomes one wants through attraction rather than coercion or payment. A country's soft power rests on its resources of culture, values, and policies” (Nye, 2008: 94).

É dessa perspectiva que focamos, a modo de estudo de caso, a presença do Brasil como convidado de honra em várias feiras internacionais do livro na atualidade. E a vemos enquanto ação de “política cultural” (Dujovne; Sorá 2010) e de diplomacia cultural do País, como foram analisadas, entre outras, a participação da Catalunha (Torner, 2009) e da Argentina (Viñuales, 2010) na qualidade de países homenageados na Feira de Frankfurt em 2007 e em 2010, respectivamente.

1 O Brasil: protagonista no cenário internacional

O Brasil tem-se tornado um País atraente, fundamentalmente no século XXI em que, na condição de economia emergente ligada ao grupo dos BRIC, ganhou posições de destaque no cenário internacional. Por outro lado, em poucos anos conseguiu converter-se em sede de dois dos maiores eventos com impacto mundial: a Copa do Mundo FIFA de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016. Isso resulta, conforme mostram alguns estudos sobre as ligações entre “megaeventos esportivos” e relações internacionais no Brasil (Oliver, 2012; Suppo, 2012), de uma política externa planejada durante mais de uma década (fundamentalmente, no período dos governos de Lula da Silva)

para poder atingir posições de maior centralidade no espaço internacional. Cabe assinalar, ao mesmo tempo, que esse sucesso contribui, também a nível interno, para a “superação do ‘complexo de vira-latas’”, enunciada pelo Presidente Lula da Silva na altura em que se resolveu a candidatura olímpica⁶.

Trata-se claramente de ações que permitem veicular uma imagem do País não ligada a lideranças militares ou políticas de *hard power* (Nye, 2008), mas a estratégias de sedução (cultural, turística, etc.) num quadro de exibição internacional que situa os países-sede desse tipo de evento em posições de liderança através de modos de *soft power*.

No caso brasileiro, os desafios derivados da organização desses eventos esportivos parecem ter sido acompanhados por algumas ações de política cultural (com maiores ou menores discrepâncias em alguns setores, particularmente assinaláveis no caso das políticas do livro e quanto às funções da Biblioteca Nacional⁷) que mostraram propostas de planificação e intervenção culturais no exterior para investir na imagem do País a nível internacional.

Mais recentemente, essas práticas para o exterior estão sendo repensadas numa maior articulação com as políticas internas do livro, da leitura e das ações culturais no interior do Brasil, como evidenciou o discurso da então Ministra da Cultura, Marta Suplicy, na Bienal do Livro de São Paulo, em 22 de agosto de 2014 (Esperandio, 2014). Não será alheio a isso o peso cada vez maior – constatado mesmo com dados da economia nacional: <http://www.brasil.gov.br/cultura/2013/02/economia-criativa-cresce-mais-que-o-pib-no-brasil> – da consideração das atividades ligadas à cultura como estratégicas dentro e fora do País, e de que é amostra significativa o fato de o mercado editorial brasileiro se encontrar entre os dez maiores a nível mundial (tendo ocupado em 2012 a nona posição, segundo dados da International Publishers Association: <http://www.internationalpublishers.org/>).

Várias das pessoas que ocuparam o Ministério da Cultura nos governos de Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff a saber, Gilberto Gil (cf. Pinto, 2012), Ana de Hollanda e Marta Suplicy, com propostas diferenciadas, entenderam que a participação do Brasil em determinadas feiras e determinados encontros internacionais do livro (nomeadamente, como País convidado de honra no início da segunda década do século XXI) era uma oportunidade, como mais uma estratégia de diplomacia cultural⁸ para posicionar o País no espaço mundial⁹.

No caso de M. Suplicy, constata-se que, a partir da sua viagem ao Reino Unido em dezembro de 2012, a Ministra vinha insistindo na oportunidade que representariam para o Brasil, em termos de *soft power*, a organização da Copa e das Olimpíadas, mas também outros eventos como as feiras e os salões internacionais do livro (Costas, 2012; Suplicy, 2013; Ortega 2014).

Assim sendo, a visibilidade da literatura brasileira no exterior começa a ser entendida por determinados agentes do campo do poder (político e econômico) – mas não só – como parte da alargada indústria cultural¹⁰ e, portanto, produto para exportação e, ao mesmo tempo, como ferramenta para construir ou *imagem de país* (“*marca país*” – Villarino Pardo, 2014) junto com outros produtos culturais (entre os quais se destacam música, cinema, artesanato ou moda). Nesse sentido, são significativas as palavras de Galeno Amorim em 2011, quando da participação brasileira na Feira de Frankfurt (no seu caso, como Presidente da Fundação Biblioteca Nacional – FBN), ao assinalar a oportunidade de aproveitar a atual conjuntura favorável do Brasil no cenário internacional para mostrar a cultura brasileira no seu conjunto, com um papel destacado para a produção literária:

A literatura deve ser o carro chefe desse processo: ela reflete, da melhor forma possível, quem somos, o que pensamos, nosso modo de vida e de encarar as coisas, a nossa visão de mundo e, enfim, o que é o

nosso país. (<http://bagarai.com.br/fundacao-biblioteca-nacional-anuncia-programa-de-internacionalizacao.html>).

De onde se deduz, também, que a produção literária pode ocupar ou substituir o papel desempenhado em momentos anteriores por outros bens simbólicos.

Nessas dinâmicas, os produtores e as produtoras literárias (integrando comitivas, como aconteceu em 2012 com Nélide Piñon na Feira Internacional do Livro de Bogotá e, em 2013, com Luiz Ruffato na Feira de Frankfurt), são considerados, cada vez mais, como embaixadores culturais que podem contribuir para construir essa imagem de *marca Brasil*, numa dinâmica de tornar *bens* em *ferramentas* (no sentido em que os entende Even-Zohar, 1999) para construir uma imagem atual da cultura brasileira, projetada numa dialética de dentro para fora.

2 O Brasil como convidado de honra de feiras internacionais do livro: estratégias de diplomacia cultural

A participação do Brasil em feiras internacionais do livro não é nova, mas percebem-se mudanças, em boa medida, derivadas das políticas dos governos brasileiros em termos de integração do País a nível internacional.

Nos anos 1990 promoveu-se a sua presença em várias dessas feiras como convidado de honra ou país-tema: Frankfurt em 1994 (Lindoso, 2011), Salão do Livro de Paris em 1998, Liber de Madrid em 1997 ou Liber de Barcelona em 1998. Mas, nos últimos anos, essa participação aponta para uma inserção num quadro mais amplo de estratégias para a internacionalização da cultura brasileira, nomeadamente a partir de 2007.

No horizonte temporal mais próximo, *o(s) estande(s) brasileiro(s)* ocupou(ocuparam) posições de maior visibilidade – em relação a edições

anteriores – na *London Book Fair* de 2012 (onde se apresentou pela primeira vez); no *Salon du Livre de Paris* de 2012 (depois de vários anos ausente), 2013 e 2014; na *Feria Internacional del Libro de Guadalajara* (2012, 2013); e, como país convidado de honra, ganhou protagonismo na *Feria Internacional del Libro de Bogotá* (2012), na *Frankfurter Buchmesse* (2013), na *Bologna Children's Book Fair* (2014) e, em 2015, terá essa mesma condição no *Salon du Livre de Paris*¹¹.

A projeção internacional através de acontecimentos de tipo cultural é cada vez mais enfatizada em tomadas de posição de agentes do campo político¹² e do campo da cultura, com ecos na mídia que vêm acompanhando essa presença de forma mais visível, como se evidenciou na Feira de Frankfurt em 2013, sobretudo através da repercussão que teve o discurso inaugural de Luiz Ruffato¹³.

Para Karine Pansa, Presidente da Câmara Brasileira do Livro (CBL), ser país homenageado significa:

1. Oportunidade única de mostrar a cultura do país no exterior;
2. Destaque para produção editorial no mundo;
3. Grande exposição na mídia internacional;
4. Oportunidades de crescimento dos negócios, não apenas com a Alemanha, mas mundialmente¹⁴ (Pansa, 2013).

A consideração de “país convidado de honra” ou “país-tema” – dependendo das feiras – foi destacada no caso da Feira de Frankfurt por Peter Weidhaas (Presidente da Feira entre 1975-2000), ao explicar que se trata de uma categoria inaugurada – para o caso da feira alemã – na edição de 1988, com a Itália contribuindo, segundo ele, para consolidar ainda mais a Feira no cenário mundial e, ao mesmo tempo, assistir aos diferentes modos como os países escolhidos optam por ser representados e projetados em termos literários e culturais (Weidhaas, 2011). O Presidente afirma, também, que a Feira de Frankfurt se beneficiou com essas apresentações dos países.

Conforme mostramos em trabalhos anteriores (Villarino Pardo, 2010), diferentes agentes do sistema literário brasileiro vinham reclamando desde a mudança de século uma maior participação do Governo para apoiar a divulgação da literatura brasileira no exterior. Para além da demanda de medidas concretas como “subsídios para a tradução e a promoção de seus livros e escritores no exterior” (Carneiro, 2008) por parte de certos editores ou produtores literários, o certo é que o crescimento do mercado editorial brasileiro (cujos dados oferecem a Câmara Brasileira do Livro – CBL – e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros – SNEL)¹⁵ e as novas dinâmicas que o País vivia em vários campos contribuíram para mudanças significativas nas políticas culturais de Ministérios e de outras instituições. Nesse sentido, concordo com R. Zilberman (2011: 585), para quem, no relativo à divulgação da produção literária brasileira no exterior, “a ação das empresas – nacionais ou estrangeiras – ligadas à indústria do livro foi maior que a do Estado”.

Nesse sentido, a parceria entre a Câmara Brasileira do Livro (CBL) e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex) criou – em 2008 – o projeto *Brazilian Publishers* para “promover a exportação de direitos autorais”, com o objetivo de que “o Brasil passe a exportar mais a sua literatura” (Scully, 2008), mostrando a protocolarização de uma aliança entre interesses ligados ao setor do livro e às exportações (Villarino Pardo, 2010). O acordo foi sendo renovado nos anos seguintes e visualizou-se com a participação de editoras brasileiras na Feira do Livro de Frankfurt em 2008, considerada “a primeira grande ação do convênio para a difusão do livro brasileiro no mercado internacional” (Scully, 2008). Nos últimos anos, manifestou-se em diferentes feiras internacionais do livro, com maior destaque para aquelas em que o Brasil foi homenageado.

Assim, essa participação em feiras internacionais confirmou-se como uma das vias de “fomento à exportação de conteúdo editorial brasileiro” privilegiada pelo projeto (<http://www.brazilianpublishers.com.br/>) e cada uma dessas experiências concretas aparecem, portanto, como espaços de destaque para observar alguns dos rendimentos de iniciativas desse tipo.

Nessas dinâmicas insere-se a assinatura em Brasília, em junho de 2010, do acordo para a participação do Brasil como convidado de honra na feira alemã de 2013 entre o Ministro da Cultura brasileiro – Juca Ferreira – e o Presidente da Feira do Livro de Frankfurt, Jürgen Boss. As estratégias de internacionalização ligadas ao acontecimento da Feira de Frankfurt – mas com um horizonte mais alargado, no tempo e no foco – foram evidentes ao longo dos anos seguintes, inicialmente com Ana de Hollanda no Ministério da Cultura e Galeno Amorim à frente da Fundação Biblioteca Nacional (dependente do MinC) ou, posteriormente, com a Ministra Marta Suplicy.

3 Ações de apoio estratégico

O Brasil soma-se, através desse tipo de iniciativas e programas, a dinâmicas cada vez mais comuns nas políticas dos Estados, que adotam medidas para apoiar intercâmbios culturais internacionais, visando reorientar as políticas de exportação e mesmo a responsabilidade de tarefas tradicionalmente associadas ao espaço da diplomacia (Sapiro, 2008: 12).

Para apostar de modo firme nessas estratégias de política cultural, foram implementadas algumas outras medidas. Dentre elas, destaco o novo Programa de Bolsas para Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, da Fundação Biblioteca Nacional-Ministério da Cultura¹⁶ – apresentado a autores, tradutores, editores e agentes literários em julho de 2010 –, no decurso da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). A presença da própria Ministra Hollanda e um espaço como a

Flip – considerada nos últimos anos um evento central para o calendário de eventos literários e com grande eco midiático no Brasil e no exterior – despertaram interesse da mídia pela proposta.

No decurso da *Frankfurter Buchmesse* 2011 – no ano seguinte ao acordo que levaria o Brasil a Frankfurt como País convidado em 2013 –, G. Amorim apresentou na Alemanha o plano federal para favorecer a exportação da literatura brasileira, com ênfase para os referidos programas. Em opinião de quem também foi diretor da FBN na década de 1990, Affonso Romano de Sant’Anna (apud A. Rodrigues, 2011), tais programas serviriam para mostrar que o Brasil “deixa de ser um País exótico para pleitear, de fato, um lugar entre as potências culturais mundiais”, dotando-o de instrumentos para enfrentar, assim, o que considerou dois problemas ainda não resolvidos: “a timidez dos agentes literários e editores brasileiros em relação às exportações e a falta de informação e interesse de muitos profissionais estrangeiros”.

Em 2011, a mensagem de Amorim era clara: “É hora de internacionalizar a literatura brasileira”. E fazendo isso, levando o livro para fora, entendia que se levava não apenas a cultura, “mas o País como um todo”, prestando serviço em forma de ajuda para “abrir as portas nos campos das ciências, do comércio exterior e do próprio protagonismo do País no cenário internacional” (Rodrigues, 2011).

De fato, durante a sua presidência, a FBN foi a encarregada de desenvolver esse tipo de iniciativas e de assumir boa parte do programa de projeção da literatura brasileira no exterior. Esse protagonismo, entre outros motivos, parece ter pesado na substituição de Amorim por Renato Lessa em março de 2013¹⁷ – em pleno processo de organização das participações nas Feiras de Frankfurt desse ano e de Bolonha em 2014 –, com Marta Suplicy como nova Ministra da Cultura.

Na abertura da 23ª Bienal do Livro de São Paulo – em agosto de 2014 –, a Ministra comunicou que o Governo iria continuar apoiando

(através da Lei de Incentivo à Cultura, conhecida como Lei Rouanet) a realização de feiras, salões, bienais (em geral) que dinamizam o mercado editorial e contribuem para a formação de leitores, mas “essas obrigações saem da Biblioteca Nacional, que reassume suas responsabilidades originais de preservação, e passam para a Diretoria do Livro e Leitura” (Esperandio, 2014).

A publicação da *Machado de Assis Magazine. Brazilian Literature in Translation/Literatura Brasileira en Traducción*, com edição em papel e *online*, é, sem dúvida – como já evidenciam os subtítulos – outra das ações nessa mesma perspectiva. Especial atenção merece o editorial “From Brazil to the World/De Brasil para el Mundo”, assinado por G. Amorim, assinalando que a revista se dirige a leitores internacionais num momento em que o Brasil atrai a atenção de muitas pessoas do mundo que, procurando conhecê-lo e compreendê-lo, recorrem à sua produção literária¹⁸.

Trata-se de uma iniciativa da Fundação Biblioteca Nacional (MinC) em coedição com uma instituição privada como o Itaú Cultural, a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e o Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Foi criada para publicar traduções de textos de autores brasileiros para inglês e castelhano, oferecendo vias para superar algumas das barreiras derivadas da escrita em língua portuguesa (Villarino Pardo, 2012), num mercado mundial da tradução em que o inglês ocupa uma posição “*hyper-centrale*” (Heilbron/Sapiro, 2008: 29) e considerando que o espanhol é uma língua que representa um espaço de mercado importante para o livro brasileiro (cf. Guedes, 2013).

Assim, a revista apresenta-se como uma vitrine de produtores literários e de produtos que, ao serem veiculados em outras línguas, facilitam a mediação com possíveis agentes interessados na sua edição no exterior. Funciona, em certo modo, como uma agência literária, embora com outros critérios, regras e objetivos. Conforme ilustra o fato de,

no apartado “About the Magazine/Sobre la Revista”¹⁹, se ler o seguinte: “Authors, editors, scouts and literary agents may download texts from the online edition, along with information about the different writers and right holders”.

Os apoios para a tradução de obras brasileiras (atuais ou anteriores) no exterior nos últimos anos podem ser constatados nos resultados derivados do novo programa da FBN e no acompanhamento de notícias de editoras e páginas ligadas a mercado (plataformas editoriais, boletins de notícias, etc.), mas também nos programas paralelos da FBN de Intercâmbio de Autores Brasileiros no Exterior ou de Residência de Tradutores Estrangeiros no Brasil.

A tradução para outras línguas tornou-se um assunto frequente nas notícias sobre a participação brasileira nas Feiras de Frankfurt e de Bolonha, e começa a ter presença visível para o *desembarco* brasileiro no Salão do Livro de Paris em 2015. De fato, para a agente literária Luciana Villas-Boas (cf. 2014), a tradução converteu-se numa obsessão para os autores brasileiros contemporâneos, que não vê refletida num maior interesse pelo escritor brasileiro no País. Em sua opinião, “Esse é o grande obstáculo para a internacionalização da ficção brasileira: nossa literatura não anda com as próprias pernas em seu país” em referência à que considera escassa valorização da literatura brasileira no próprio país.

Pascale Casanova, ao referir as desigualdades nos intercâmbios literários transnacionais que se produzem através da tradução, sinala que, nos intercâmbios literários a nível mundial, a tradução é hoje um dos principais mecanismos de legitimação literária e de consagração. E acrescenta:

Pour un écrivain dominé, lutter pour l'accès à la traduction, c'est en effet lutter pour son existence même en tant que membre légitime de la république mondiale des lettres, pour l'accès aux centres, aux instances critiques et consécricices, pour être lu par ceux qui décrètent que ce qu'ils lisent vaut d'être lu, etc. (Casanova, 2002: 14).

Disputas por acúmulos de capitais também têm lugar no cenário de algumas das feiras internacionais do livro, não apenas a nível individual como também coletivo. O espaço de negócio para compra-venda de direitos autorais é visível nas de Frankfurt, Bolonha ou Guadalajara. De fato, depois do Programa de Frankfurt 2013, agentes dos campos editorial, literário e do poder político confirmaram o cumprimento de um dos objetivos: converter o Brasil num País vendedor também de direitos autorais e de livros e mudando a imagem de ser habitualmente comprador dos mesmos.

4 Considerações Finais

No campo acadêmico encontramos cada vez mais trabalhos – cf. Casanova, Sapiro, Tardiff/Farchy, Warnier, entre outros – que analisam os desafios da mundialização da cultura: as trocas simbólicas, novos espaços de poder, relações transnacionais, novos modos de consagração ou as mudanças nas tarefas do produtor literário e cultural²⁰ – dentro e fora *do seu país*.

É possível perceber tais dinâmicas em determinadas feiras internacionais do livro (nomeadamente, no modelo das de Frankfurt, Bolonha ou Guadalajara), onde há países que desenvolvem estratégias políticas de diplomacia cultural e de *soft power* (através da condição de “país convidado de honra”, de programas culturais e literários, de programas de apoio à tradução, etc.) para conseguir uma acumulação de capitais (literário, cultural, simbólico, etc.) que melhorem a sua posição e o seu nível de legitimação/consagração no cenário internacional.

Após a participação em Frankfurt 2013, o Diretor da Feira – Jürgen Boos – e os responsáveis pela organização brasileira (Renato Lessa – FBN – e Karine Pansa – CBL) destacaram em coletiva de imprensa a ampla programação cultural e literária do Brasil durante o

evento e a imagem transmitida do País. Segundo os organizadores, a “Feira de Frankfurt mudou imagem do Brasil no exterior”, intitula a plataforma alemã *DW* no balanço feito no fim da Feira; E acrescenta:

Em meio a polêmicas envolvendo Paulo Coelho e Luiz Ruffato, a programação literária e cultural ajudou a quebrar clichês e aumentar o interesse pelo país. O Pavilhão do Brasil recebeu cerca de 60 mil visitantes (<http://www.dw.de/feira-de-frankfurt-mudou-imagem-do-brasil-no-externo-dizem-organizadores/a-17154071>).

Confirmavam algumas das expectativas que assinalavam a oportunidade para o País com a participação na Feira Internacional de Frankfurt, considerada “um palco privilegiado para o livro, para os autores, para a cultura brasileira e, de forma mais ampla, para a imagem do Brasil no exterior” (Vianna, 2013), em opinião de Moema Salgado, Coordenadora Geral do Centro Internacional do Livro da FBN, que insistiu, em diferentes ocasiões, na imagem positiva do Brasil nestes últimos anos (ligada à organização de grandes acontecimentos esportivos, à situação econômica brasileira e ao protagonismo político a nível internacional) como fator fundamental para o aproveitamento dessa imagem.

Em crônica de 2012 sobre a presença do Brasil como Convidado de Honra na *Feria Internacional del Libro de Bogotá*, o antropólogo e consultor cultural Felipe Lindoso destacava algumas “advertências” e propostas, que compartilho:

[...] todos igualmente sofrem com a avassaladora predominância da indústria editorial norte-americana e sabem que a presença de seus autores é um dos componentes de sua diplomacia. A presença cultural de um país no panorama internacional é um fator relevante. Não basta ser rico, ter armas atômicas e coisas do gênero. [...] Por essas razões, o estabelecimento de uma política pública de promoção do livro e dos autores brasileiros é da maior importância (Lindoso, 2012).

É um investimento para a construção de uma marca país, através de estratégias ligadas à cultura.

NOTAS

¹ <http://www.brasil.gov.br/cultura/2013/03/divulgada-lista-de-autores-brasileiros-que-vao-para-feira-do-livro-de-frankfurt-2013>. Último acesso: 11/07/2014.

² Uma plataforma que se intitula: “Um espaço para os 227 rejeitados na antologia da *Granta*” (<http://offgranta.wordpress.com/>). Último acesso: 30/07/2014.

³ Como exemplo, um artigo do *Jornal do Brasil* (31/03/1987) comenta: “Nossa embaixada é naturalmente eclética” (Pontual, 1987), ao falar da presença brasileira no Salão do Livro de Paris em 1987.

⁴ No caso da Feira de Frankfurt 2013, cf., entre outras, estas matérias: <http://www.dw.de/paulo-coelho-boicota-feira-de-frankfurt-e-critica-governo-brasileiro/a-17138330>; <http://entretenimento.uol.com.br/noticias/deutsche-welle/2013/10/01/feira-de-frankfurt-nega-racismo-na-selecao-de-escritores-brasileiros.htm>. Último acesso: 27/06/2014.

⁵ V. <http://brazil13frankfurtbookfair.com/pt-br/pavilhao-vai-materializar-amalgama-de-influencias/> (Frankfurt, 2013 – último acesso: 27/06/2014) e http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/um-pais-cheio-de-vozes/10883 (Bolonha, 2014). Último acesso: 27/06/2014.

⁶ E posteriormente referida pelo seu Ministro, Celso Amorim. Ambas, analisadas por Almeida e Marchi Junior (2014).

⁷ Entre os assuntos que provocaram discrepâncias estão as políticas do livro e as funções da Biblioteca Nacional.

⁸ Como apontam Almeida e Marchi Junior (2014: 22), “a tentativa de acúmulo de *soft power* não é restrita às tentativas de sediar megaeventos esportivos, mas vem acompanhada de diversas ações em outras áreas, da mesma forma em que a tentativa de sediá-los não tem como único objetivo tal acúmulo”.

⁹ A propósito da condição de País Convidado na *Feria Internacional del Libro de Bogotá*, de 2012, a jornalista Camila Moracs Zúñiga (2012) assinalava: “La invitación a los brasileños sucede en un momento en que el ‘gigante’ latinoamericano parece haber despertado económica y políticamente, haciendo despertar también todo tipo de impulsos de curiosidad sobre él”.

¹⁰ Cf. <http://www.cbl.org.br/upload/relatorio.pdf>, p. 43-44.

¹¹ Entre outras possíveis participações no calendário de Feiras até 2020. Cf. http://www.cbl.org.br/upload/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20Editores%20Reuni%C3%A3o%2013.12.12%20_FKFBR2013.pdf.

¹² Como exemplo, indicamos a intervenção da Ministra da Cultura M. Suplicy no FITB, de Bogotá – com motivo da presença do Brasil como Convidado de Honra –, ao vincular essa participação com a das Feiras de Frankfurt, Bolonha e o Salão de Paris, porque “ajuda a dar visibilidade à riqueza cultural do país” (Ortega, 2014).

¹³ A mídia brasileira – e não apenas os jornais com enviados especiais em Frankfurt – recolheu o discurso (com grande repercussão também nas redes sociais, onde Ruffato o publicou posteriormente, na íntegra, no seu perfil de Facebook). V. entre outras matérias: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,leia-a-integra-do-discurso-de-luiz-ruffato-na-abertura-da-feira-do-livro-de-frankfurt,1083463>;

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/10/1353517-escritor-luiz-ruffato-diz-em-frankfurt-que-brasil-e-pais-da-impunidade-e-intolerancia.shtml>;

<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/cultura/o-discurso-de-luiz-ruffato-em-frankfurt/>; <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/10/08/luiz-ruffato-faz-duras-criticas-ao-brasil-na-abertura-em-frankfurt-511413.asp>;

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2013/09/30/interna_diversao_arte,390741/luiz-ruffato-fala-sobre-o-novo-livro-e-lamenta-a-estagnacao-do-brasil.shtml; <http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2013/10/17/noticiasjornalvidaearte,3147698/amarga-frankfurt.shtml>.

¹⁴ http://www.cbl.org.br/upload/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20Editores%20Reuni%C3%A3o%2013.12.12%20_FKFBR2013.pdf. Último acesso: 02/07/2014.

¹⁵ V. <http://www.snel.org.br/dados-do-setor/producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro/>. Último acesso: 11/07/2014; e <http://www.cbl.org.br/upload/Relatorio2014.pdf>. Último acesso: 30/07/2014.

¹⁶ O edital, publicado no *Diário Oficial da União*, foi também divulgado no exterior, com o apoio da Apex Brasil, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e do Ministério de Relações Exteriores. (<http://www2.cultura.gov.br/site/2011/07/07/literatura-brasileira-2/>). É possível consultá-lo, atualizado, na página web da FBN.

¹⁷ V. http://www.bn.br/portal/?nu_pagina=123; <http://www.machadodeassismagazine.bn.br/new/index.php>, com especial ênfase para o editorial do número 1 da revista, assinado por Galeno Amorim: <http://www.machadodeassismagazine.bn.br/new/about-sobre.php?edicao=Edi%C3%A7%C3%A3o%2001>.

¹⁸ V. <http://www.machadodeassismagazine.bn.br/new/about-sobre.php?edicao=Edi%C3%A7%C3%A3o%2001>.

¹⁹ <http://www.machadodeassismagazine.bn.br/new/about-sobre.php?edicao=Edi%C3%A7%C3%A3o%2001>. A periodicidade de publicação teve um parêntese a partir do último número.

²⁰ Cf., para o caso dos produtores literários, entre outros, Ducas (2010), Zilberman (2011) e Azevedo (2013).

TRABALHOS CITADOS

BAGARAI.com.br. Fundação Biblioteca Nacional anuncia programa de internacionalização. 16/10/2011. In: <http://bagarai.com.br/fundacao-biblioteca-nacional-anuncia-programa-de-internacionalizacao.html>. Último acesso: 17/06/2014.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. *Relatório 2011/12*. São Paulo, 2013. Acessível em: <http://www.cbl.org.br/upload/relatorio.pdf>. Último acesso: 28/06/2014.

CARNEIRO, Júlia. “Feira do Livro de Frankfurt termina com recorde de público”. 20/10/2008. In: <http://www.dw-world.de/dw/article/03727600,00.html>. Último acesso: 04/07/2014.

CASANOVA, Pascale (1999). *La république mondiale des lettres*. Paris: Éditions du Seuil, 2008 [Préface inédite. Édition revue et corrigée].

CASANOVA, Pascale. Consécration et accumulation de capital littéraire. La traduction comme échange inégal. *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, n. 144, p. 7-20, Sept. 2004.

COSTAS, Ruth (2012). Marta Suplicy diz que Brasil deve evitar estereótipo do “carnaval e futebol”. BBC. *Brasil em Londres*. 04/12/2012. Acessível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/12/121204_marta_londres_ru.shtml?print=1. Último acesso: 04/07/2014.

DUCAS, Sylvie. Prix littéraires en France: consécration ou désacralisation de l’auteur? *COntEXTE*, n. 7, 2010. In: <http://contextes.revues.org/4656>.

DUJOVNE, A.; SORÁ, G. Un hecho de política cultural: Argentina en la República Mundial de la Edición. In: *AAVV, Argentina país invitado de honor Feria del Libro de Frankfurt 2010*. Buenos Aires: Ministerio de Relaciones Exteriores; Comercio Internacional y Culto, 2010. p. 217-223.

ESPERANDIO, Tiago. “Marta Suplicy: temos que fazer do Brasil um país de leitores”. Assessoria de Comunicação-Ministério da Cultura, 22/08/2014. Acessível em: http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/id/1206700. Último acesso: 23/08/2014.

EVEN-ZOHAR, Itamar. La literatura como bienes y como herramientas. In: VILLANUEVA, D.; MONEGAL, A.; BOU, E. (Coords.). *Sin fronteras: ensayos de Literatura Comparada en homenaje a Claudio Guillén*. Madrid: Editorial Castalia, 1999. p. 27-36.

GRANTA 9: *Os melhores jovens escritores brasileiros*. Em português. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GUEDES, Luciana. Literatura brasileira em tradução: a trajetória de livros brasileiros traduzidos ao castelhano. In: LUCENA, B. P. de; DELGADO, G. E. (Orgs.). *Anais do Simpósio Internacional Sobre Literatura Brasileira Contemporânea*. Fórum dos Estudantes – 2013, Brasília: Universidade de Brasília, 2013. p. 107-117. In: http://www.gelbc.com.br/pdf_anais_forum_estudantes/anais_forum_estudantes_2013_completo.pdf.

HALL, Peter A.; TAYLOR, Rosemary C. R. As três versões do neo-institucionalismo. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 58, p. 193-223 2003. Acessível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452003000100010. Último acesso: 11/06/2014.

HEILBRON, Johan; SAPIRO, Gisèle. La traduction comme vecteur des échanges culturels internationaux. In: SAPIRO, Gisèle (Dir.). *Translatio: le marché de la traduction en France à l’heure de la mondialisation*, Paris: CNR Éditions, 2008. p.25-44.

LINDOSO, Felipe. *O Brasil em Frankfurt em 1994* (1,2,3,4,5,6). 03-11/10/2011. In: <http://oxisdoproblema.com.br/?tag=frankfurt-1994>. Último acesso: 30/07/2014.

LINDOSO, Felipe. *Brasil em Bogotá: A primeira experiência das novas políticas da Biblioteca Nacional*. 17/04/2012. In: <http://oxisdoproblema.com.br/?p=988>. Último acesso: 30/07/2014.

NYE, Joseph. *Bound to lead: the changing nature of American power*. New York: Basic Books, 1990.

NYE, Joseph. “Think Again: Soft Power”. *Foreign Policy*. 23/02/2006. In: http://www.foreignpolicy.com/articles/2006/02/22/think_again_soft_power. Último acesso: 12/06/2014.

NYE, Joseph. Public Diplomacy and Soft Power. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 616, n. 1, p. 94-109, 2008.

OLIVEIRA, Nelson de (Org.). *Geração 90: manuscritos de computador*. São Paulo: Boitempo, 2001.

- OLIVEIRA, Nelson de (Org.). *Geração 90: os transgressores*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- OLIVEIRA, Nelson de (Org.). *Geração Zero Zero: Fricções em rede*. São Paulo: Língua Geral, 2011.
- OLIVER, Iata. Megaeventos esportivos e relações internacionais como estratégias de atração turística. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, v. 7, n. 1, p. 1-19, 2012.
- ORTEGA CARRASCAL, Jaime. Marta Suplicy destaca la visibilidad internacional de la cultura brasileña. *El Confidencial*. 04/04/2014. Acessível em: <http://www.cbl.org.br/upload/Relatorio2014.pdf>. Último acesso: 02/07/2014.
- PANSA, Karine. *Frankfurt 2013: Brasil Literature, Guest of Honour*. 2013. Acessível em: http://www.cbl.org.br/upload/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20Editores%20Reuni%C3%A3o%2013.12.12%20_FKFBR2013.pdf.
- PANSA, Karine. *Câmara Brasileira do Livro. Relatório Anual 2013*. 2014. Acessível em: <http://www.cbl.org.br/upload/Relatorio2014.pdf>. Último acesso: 28/06/2014.
- PENA, Felipe (Org.). *Geração Subzero: 20 autores congelados pela crítica, mas adorados pelos leitores*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2012.
- PINTO, Rodrigo. Gilberto Gil: 'Economia mudou da chaminé para o software, o soft power'. BBC. *Brasil em Londres*. 04/04/2012. Acessível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/04/120404_brazilian_softpower_02_rp.shtml?print=1. Último acesso: 21/06/2013.
- PONTUAL, Roberto. O festim dos novos índios. *Jornal do Brasil*. 31/03/1987. Caderno B.
- RODRIGUES, Alex. "Programa para internacionalização da literatura brasileira é apresentado na feira de Frankfurt". 13/10/2011. In: <http://agenciabrasil.etc.com.br/noticia/2011-10-13/programa-para-internacionalizacao-da-literatura-brasileira-e-apresentado-na-feira-de-frankfurt>. Último acesso: 21/06/2013.
- RODRIGUES, Maria Fernanda. É hora de internacionalizar a literatura brasileira. *Publishnews*, 13/07/2011. In: <http://www.publishnews.com.br/telas/noticias/detalhes.aspx?id=64194>.
- SAPIRO, Gisèle (Dir.). *Translatio: le marché de la traduction en France à l'heure de la mondialisation*. Paris: CNRS Éditions, 2008.
- SAPIRO, Gisèle (Dir.). *Les contradictions de la globalisation éditoriale*. Paris: Éditions Nouveau Monde, 2009.
- SCULLY, Fabíola. Brasil na Feira do Livro de Frankfurt. *O Globo*. 17/10/2008. In: <http://fabiolascully.wordpress.com/2008/10/>. Último acesso: 02/06/2014.
- SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil: una antropología de la circulación internacional de ideas*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.
- SORÁ, Gustavo. Os editores e a República mundial das letras: As feiras do livro como feito social e como objecto sociológico. *A trabe de ouro*, n. 57, p. 57-65, jan.-mar. 2004.
- SORÁ, Gustavo. El mundo como feria. In(ter)dependencias editoriales en la Feria de Frankfurt. *Comunicación y Medios*, Universidad de Chile, n. 27, p. 102-128, 2013.
- SUPLICY, Marta (2013). O "soft power" brasileiro. *Folha de S. Paulo*, 24/02/2014. Acessível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/95343-o-quotsoft-powerquot-brasileiro.shtml>. Último acesso: 03/07/2014.
- SUPPO, Hugo. Reflexões sobre o lugar do esporte nas relações internacionais. *Contexto Internacional*, n. 2, v. 34, p. 397-433, dez. 2012. Acessível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292012000200002&script=sci_arttext. Último acesso: 29/06/2014.
- TARDIFF, Jean; FARCHY, Joëlle. *Les enjeux de la mondialisation culturelle*. Préface d'Abdou Diouf. Paris: Éditions Le Bord de l'Eau, 2011.
- TORNER, Carles. Una diplomàcia cultural paradoxal? *Via: Valors, idees, actituds*, Revista del Centre d'Estudis Jordi Pujol, n. 11, p. 119-132, 2009.
- VIANNA, Bernardo. "Livro Brasileiro é Destaque da Feira do Livro de Frankfurt". Blog. Acesso. 18/04/2014. Acessível em: <http://www.blogacesso.com.br/?p=6074>. Último acesso: 30/07/2014.
- VILLARINO PARDO, M. Carmen. Mercados para a literatura brasileira. In: PETROV, Petar (Org.). *Lugares da Lusofonia*. Lisboa: Colibri, 2010). p.113-124.
- VILLARINO PARDO, M. Carmen. Literatura brasileira contemporânea: o desafio da exportação. *Romance Notes*, v. 52, n. 2, p. 151-164, 2012.
- VILLARINO PARDO, M. Carmen. O espaço do sistema literário brasileiro contemporâneo nos intercâmbios culturais transnacionais. In: DALCASTAGNÈ, Regina; AZEVEDO, Luciene (Orgs.). *Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2014. [No prelo.]
- VILLAS-BOAS, Luciana. Para quem escreve o autor local? *Folha de S. Paulo*, 03/02/2014. Último acesso: 12/06/2014.
- VIÑUALES, Inés. Diplomacia cultural: experiencias argentinas. In: *Real Instituto Elcano. Área: Lengua y Cultura – ARI 64/2010*, 07/04/2010. Disponível em: http://www.realinstitutoelcano.org/wps/wcm/connect/fbcb0300420b04b5bb60bb41e48b7529/ARI64-2010_Vinuales_diplomacia_publica_argentina.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=fbcb0300420b04b5bb60bb41e48b7529. Último acesso: 02/07/2014.
- WARNIER, Jean-Pierre. *La mondialisation de la culture*, Paris: La Découverte, 2007. [Quatrième édition, entièrement refondue et mise à jour.]
- WEIDHAAS, Peter. *Una historia de la feria de Frankfurt*. Trad. de Claudia Baricco. México: Fondo de Cultura Económica, 2011.
- ZILBERMAN, Regina. Desafios da literatura brasileira na primeira década do século XXI. In: SILVA, A.; MARTINS, J.C.; GONÇALVES, M. (Orgs.). *Pensar a Liter@tura no Séc. XXI*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2011. p. 575-586.
- ZÚÑIGA, Camila Moraes. 2012. In: http://www.eltiempo.com/lecturas-dominicales/ARTICULO-WEB-NEW_NOTA_INTERIOR-11492101.html. Último acesso: 30/06/2014.

M. Carmen Villarino Pardo é Professora Titular de Literatura Brasileira na Universidade de Santiago de Compostela (Galiza). É membro do Grupo Galabra, dessa instituição, e do Grupo de Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, da UnB. Dentre os seus trabalhos mais recentes, destacamos: (2010) "Mercados para a literatura brasileira". In: PETROV, Petar (Coord.). *Lugares da Lusofonia*. Lisboa: Colibri; Centro de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade do Algarve; p. 113-124; (2011) VILLARINO, Carmen; RUFFATO, Luiz (Orgs.).

O conto brasileiro contemporâneo. A Corunha: Laiomento; (2012) “A massa ainda comerá do biscoito fino que fabrico: entre a Semana de Arte Moderna e a Semanade Arte Moderna da Periferia”. In: RIBEIRO, Eunice (Org.). *Modernidades Comparadas: Estudos Literários/Estudos Culturais Revisitados*. Braga: Humus, 2012, p. 161-172; (2012) “Literatura brasileira contemporânea: o desafio da exportação”, *Romance Notes* 52.2, p. 151-164, The University of North Carolina at Chapell Hill, 2012; (2013) “Vender libros dentro y fuera de Brasil. El caso de Jorge Amado”. In: RIVAS, Ascensión (Coord.), *Jorge Amado, Bahiano Universal*, Salamanca: Servicio de Publicaciones de la Univ. de Salamanca, 259-270; (2014) “O espaço do sistema literário brasileiro contemporâneo nos intercâmbios culturais transnacionais”. In: DALCASTAGNÈ, Regina; AZEVEDO, Luciene (Orgs.). *Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk; (2014) “Outros modos do olhar estrangeiro sobre a literatura e a cultura brasileiras”. In: MONTEIRO, Meira (Org.). *A Primeira Aula*. São Paulo: Itaú Cultural; Hedra Edições, p. 191-197, e Edição online em português/inglês/espanhol: <http://conexoesitaucultural.org.br/encontros-de-interrogacao/a-primeira-aula-disponivel-online/>. Entre outras atividades, co-organizou em 2011 com Claudiney Ferreira e Felipe Lindoso o *Colóquio Internacional Conexões IV: A literatura brasileira hoje. Diálogos Galiza-Brasil* (Santiago de Compostela, 17-19/10/2011).

Recebido em 20/09/2014. Aprovado em 14/11/2014.